

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIA JÚLIA DUARTE BARBOSA

**EDUCAÇÃO FÍSICA: ARTE CIRCENSE NAS AULAS COM O CONTEÚDO
GINÁSTICA NO UNIVERSO ESCOLAR**

RECIFE
2024

MARIA JÚLIA DUARTE BARBOSA

**EDUCAÇÃO FÍSICA: ARTE CIRCENSE NAS AULAS COM O CONTEÚDO
GINÁSTICA NO UNIVERSO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de aprovação na Disciplina Seminário Trabalho de Conclusão de Curso 2, ministrada pelo Profº Edilson Fernandes de Souza, no Curso de Graduação de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Profª. Drª. Tereza Luiza de França - NIEL-DEF-CCS-UFPE

Coorientadora: Profª. Ms. Sandra Cristhianne França - UNINASSAU/FPS/ NIEL-UFPE

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Barbosa, Maria Júlia Duarte.

Educação Física: arte circense nas aulas com o conteúdo ginástica no
universo escolar / Maria Júlia Duarte Barbosa. - Recife, 2024.
40 p.

Orientador(a): Tereza Luiza de França

Cooorientador(a): Sandra Cristhianne França

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Educação Física - Licenciatura,
2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Educação Física Escolar. 2. Arte Circense. 3. Ginástica. I. França, Tereza
Luiza de. (Orientação). II. França, Sandra Cristhianne . (Coorientação). IV. Título.

790 CDD (22.ed.)

MARIA JÚLIA DUARTE BARBOSA

**EDUCAÇÃO FÍSICA: ARTE CIRCENSE NAS AULAS COM O CONTEÚDO
GINÁSTICA NO UNIVERSO ESCOLAR**

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 TEREZA LUIZA DE FRANÇA
Data: 12/03/2024 15:36:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Tereza Luiza de França - Orientadora
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
1ª Examinadora

Documento assinado digitalmente
 SANDRA CRISTHIANNE FRANCA CORREIA
Data: 12/03/2024 15:39:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ms. Sandra Cristhianne de França - Coorientadora
UninASSAU - FPS
2ª Examinadora

Documento assinado digitalmente
 MARIA DE FATIMA PONTES
Data: 15/03/2024 14:42:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ms. Maria de Fátima Pontes
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
3ª Examinadora

Aprovada em: 19/03/2024.

Dedico este trabalho ao meu avô, Paulo Roberto, que faleceu em outubro de 2022.
Eu sempre vou te amar e sempre vou me lembrar de tudo que você foi. A saudade
aperta todos os dias. Obrigada por tudo “vôvis”.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer imensamente à minha família, meu pai Dilson André, minha mãe Janaína Karla, minhas irmãs Jamile Danielle e Amanda Karine e meu cachorro Frodo por todo amor, compreensão e apoio durante toda minha jornada acadêmica. E ao meu namorado Ricardo que me ajudou de forma significativa para a construção deste trabalho, ouvindo minhas ideias, fazendo leituras comigo e me incentivando a continuar sempre. Deixo aqui todo meu amor por cada um de vocês.

Agradeço à minha Orientadora Tereza Luiza de França e à minha Coorientadora Sandra Cristhianne França por todo apoio prestado para realização deste trabalho.

Aos meus amigos que, além de me ajudarem no processo de formação, fizeram com que o mesmo fosse mais leve e divertido.

E por fim, agradeço à Universidade Federal de Pernambuco pela oportunidade da Residência Pedagógica que, ao lado de grandes preceptoras e de uma equipe excelente, fez com que eu aprendesse muito. Estar dentro da escola e próxima de todas as realidades possíveis enriqueceram minha formação e me fizeram ser quem sou hoje. Agradeço também à universidade pela oportunidade de apresentar esse trabalho e por se tornar, durante 4 anos, o meu ambiente de muito aprendizado e construção.

*“A esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista
Tem que continuar”*

(João Bosco e Aldir Blanc)

RESUMO

Essa pesquisa explora a abordagem crítico-superadora da Educação Física Escolar, destacando a importância de compreender a cultura corporal em sua totalidade. A ginástica, parte integrante dessa cultura corporal, é contextualizada historicamente, desde a Pré-história até os métodos do século XIX e XX. O estudo também destaca a falta de reconhecimento do conteúdo de ginástica nas instituições de ensino, incluindo tanto os estabelecimentos de ensino básico quanto os de ensino superior. Além disso, introduz a arte circense como uma possibilidade de abordagem nas aulas de Educação Física Escolar, buscando promover as manifestações culturais, estimular a ludicidade e fortalecer a relação professor-estudante. A pesquisa de campo, fundamentada em conceitos etnometodológicos, destaca a importância da reflexividade e da prática para compreender as dinâmicas sociais. Realização de entrevistas narrativas com um artista circense evidenciam a contribuição dessa prática para o ensino da ginástica nas escolas, promovendo a superação de desafios e o trabalho coletivo. Também é destacada a necessidade de ampliar as estratégias metodológicas na Educação Física, explorando a arte circense como uma alternativa rica em significados culturais e pedagógicos.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Ginástica. Arte Circense.

ABSTRACT

This research explores the critical-transformative approach to Physical Education in schools, emphasizing the significance of comprehending bodily culture in its entirety. Gymnastics, an integral part of this culture, is historically contextualized from prehistory to the methods of the XIX and XX centuries. The study also focuses on the lack of recognition regarding gymnastics content in educational institutions, encompassing not only basic education establishments but also higher education institutions. Additionally, it introduces circus art as a potential approach in physical education classes, aiming to promote cultural manifestations, stimulate playfulness, and strengthen the teacher-student relationship. The field study, grounded in ethnomethodological concepts, underscores the importance of reflexivity and practice to comprehend social dynamics. Conducting narrative interviews with a circus artist highlights the contribution of this practice to gymnastics teaching in schools, fostering the overcoming of challenges and collective work. The necessity of expanding methodological strategies in Physical Education is also emphasized, exploring circus art as an alternative rich in cultural and pedagogical meanings.

Keywords: Physical Education in schools. Gymnastics. Circus Art.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: POR TRÁS DAS COXIAS	11
2	OBJETIVOS	15
2.1	GERAL	
2.2	ESPECÍFICOS	
3	BASE TEÓRICA: DAS TRAVES AO TRAPÉZIO	16
4	BASE METODOLÓGICA: CAMINHOS DO ESPETÁCULO	18
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: PICADEIRO EM MOVIMENTO	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	23
	ANEXOS	25
	APÊNDICES	29

1. INTRODUÇÃO: POR TRÁS DAS COXIAS

A Educação Física, no ambiente escolar, numa perspectiva crítico-superadora, tem como objetivo tratar o conhecimento da cultura corporal em todas suas dimensões, visando compreender a expressão corporal como uma forma de linguagem (Coletivo de autores, 1992).

Ao tomar a cultura corporal como referência torna-se possível sistematizar os conteúdos da Educação Física, a saber: jogo, esporte, dança e ginástica, o que possibilita abordar diversas temáticas. Com propostas contidas no planejamento participativo construído com o professor e com o coletivo da turma de Educação Física, considerando, de forma crítico-reflexiva, os amparos legais como os Parâmetros Curriculares da BNCC e o PPC da escola. Os princípios e pressupostos desta configuração de ensino-aprendizagem permite atribuir sentidos e significados próprios às práticas, articuladas à concreta realidade e/ou motivações, interesses e necessidades dos estudantes. Neste contexto, ressaltamos que os conteúdos abordados em sala de aula são fundamentais para a construção de saberes e conhecimentos pelos(as) estudantes para alcançar os objetivos estabelecidos no processo ensino-aprendizagem assegurando vivências articuladas com o universo cultural em que estão inseridos. Ao articular com a realidade do estudante faz-se necessária, segundo a abordagem crítico-superadora, entender o sentido e significado dos valores determinados pela realidade e pela diversidade para que, assim, seja selecionado e organizado os conteúdos da Educação Física na escola (Coletivo de autores, 1992).

Dentre os conteúdo deste componente curricular, a Ginástica, que constitui a história da humanidade desde a Pré-história e durante todo o processo de evolução da humanidade, foi e, ainda é, desenvolvida por vários métodos com diferentes bases teórico-metodológicas para a construção de tipos ginásticos oriundos de muitos países, incluindo a ginástica brasileira. Esses métodos ginásticos, surgidos entre os séculos XIX e XX, tinham diferentes objetivos ao estabelecerem movimentos em prol de práticas corporais. Na Alemanha, por exemplo, o principal objetivo em aderir essas práticas era para preparação física a favor de uma defesa da pátria, ou seja, tinham como base um caráter militar e patriota. Outros métodos,

como o método francês, tinham objetivos diferentes, entretanto os métodos se assemelham, diferenciando-se apenas na forma, uns mais sistemáticos e outros mais analíticos (Dodô; Reis, 2014).

As manifestações de ginástica dentro do currículo escolar brasileiro resultam de várias propostas metodológicas, como por exemplo as formas básicas do atletismo: correr, saltar, arremessar e caminhar que se assemelham e/ou originam as formas básicas da ginástica: empurrar, carregar, saltar, equilibrar-se, esticar. Esses movimentos básicos, que compõem as propostas da ginástica, ampliam as possibilidades de experiências corpóreas, enriquecendo a cultura corporal das crianças (Coletivo de autores, 1992), criando ambientes que possibilitam vivências de suas ações corporais individualmente. Dentro da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), a ginástica traz diferentes objetivos a depender do ano de ensino. Quando trazemos o conteúdo ginástico no ensino fundamental I, por exemplo, estamos tratando de uma ginástica geral, de forma que os estudantes experimentem os diferentes elementos básicos da ginástica como os saltos, giros, equilíbrio e rolamentos. No ensino fundamental II, anos iniciais e anos finais, vivencia-se a ginástica com as diferentes qualidades físicas como a força, a velocidade e a flexibilidade, o que exige problematizar situações de ensino-aprendizagem enfatizando a conscientização corporal, ou seja, práticas que possam subsidiar a reconhecer onde e como o corpo está naquele espaço.

Neste estudo, compreendemos que a prática da ginástica busca aperfeiçoar conhecimentos e contribuir na formação da cultura corporal trocando sempre conhecimentos com outras práticas corporais importantes para a construção de saberes, e conhecimentos, ampliando saberes culturais, como por exemplo a arte circense.

A arte circense, como afirma Torres, 1998, não tem um período exato do seu surgimento, entretanto, existem evidências de que essa arte era praticada há mais de 4 mil anos atrás, desde a China, Grécia antiga e Egito, por exemplo. Os números de força, equilíbrio e contorcionismo eram classificados como modalidades olímpicas durante a Grécia Antiga e, a partir do Renascimento, essas performances começaram a ser praticadas como práticas de lazer. Na China, por exemplo, haviam pinturas antigas em que eram retratados indivíduos praticando o contorcionismo e as acrobacias, evidenciando que essas práticas se faziam presentes desde a época a.C. Essa arte ganhou espaço nas ruas, teatros e praças, onde os artistas

improvisavam truques para o entretenimento do público, como malabarismo, mágica e habilidades exóticas. Com tais vivências diversos grupos de artistas, chamados de Saltimbancos, começaram a se apresentar em conjunto, cada um apresentando suas habilidades como forma de entreter o público (Silva, 2009).

O primeiro circo, o “Astley's Amphitheatre”, foi inaugurado por Philip Astley em meados de 1770. Nesse espaço, Philip Astley apresentava, juntamente com sua equipe, provas de equitação e percebeu que, para chamar ainda mais a atenção do público, deveria enriquecer as apresentações, chamando então outros artistas como os Saltimbancos, equilibristas e palhaços. Depois de todas as adaptações, o espaço foi ficando cada vez mais conhecido e fez o espetáculo crescer de forma célere. A palavra “circus” só foi utilizada para se referir a esses espaços em 1782, quando um rival de Phillip, Charles Hughes inaugurou seu espaço, o “Royal Circus” (Hauffe; Mirian; Góis, 2014).

Com o sucesso desses espaços, fixos e itinerantes, foram surgindo muitas escolas de circo com o intuito de ensinar ao público de todas as idades, a história, a importância e os truques de diferentes tipos de apresentações presentes nos circos (DUPRAT, 2014). E a partir da década de 1980 surge um importante movimento denominado “Circo Social” que se constitui de projetos sociais com o intuito de fazer a arte circense ser desfrutada como estratégia pedagógica (González; Darido; Oliveira, 2014).

Ao mergulhar neste contexto histórico-sócio-cultural, nasce esse estudo com o propósito e interesse de evidenciar possibilidades para abordar o conteúdo de ginástica na Educação Física Escolar vivendo práticas circenses.

O desejo pela arte circense surgiu como uma curiosidade para saber mais acerca da possibilidade de abordagem dessa arte nas aulas de Educação Física nas escolas. As questões de estudos norteadoras são: “Qual a relação da arte circense com os fundamentos da ginástica?” e “Como podemos abordar a arte circense nas aulas de Educação Física na escola?”.

Com as experiências acadêmicas durante o processo de formação na Residência Pedagógica, na Disciplina de Estágio e na Disciplina Metodologia do Ensino das Práticas Lúdicas, foi possível constatar a ausência de possibilidades para abordar nas aulas de ginástica nas escolas e, conseqüentemente, alterar o rumo/visão militarista que encontra-se em grande parte das aulas que compõem o conteúdo ginástico. Neste cenário, torna-se necessário leituras e estudos sobre

possibilidades para ampliar as estratégias metodológicas para ser possível atingir os objetivos propostos pela aula, no conteúdo de ginástica das aulas de Educação Física Escolar.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como as expressões da arte circense, tematizada nas aulas de Educação Física Escolar, contribuem para o ensino-aprendizagem do conteúdo de Ginástica.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o significado da arte circense nas aulas de Educação Física Escolar.
- Identificar qual a relação dos fundamentos ginásticos com a arte circense.
- Identificar como as práticas circenses contribuem com aspectos culturais, lúdicos e de relação professor-estudante dentro da Educação Física na escola.

3. BASE TEÓRICA: DAS TRAVES AO TRAPÉZIO

A busca pela compreensão acerca das contribuições na abordagem das práticas circenses nas aulas de ginástica da Educação Física Escolar requer uma base teórica rica e aprofundada. Para isso, é necessária uma revisão bibliográfica que abrange leituras de artigos, livros e documentos que consigam auxiliar na construção do conhecimento.

A Educação Física, no Coletivo de Autores (1992), trata-se de uma disciplina que busca problematizar com e junto aos estudantes a expressão corporal como uma forma de linguagem. Nestas perspectivas, é nessa disciplina que os estudantes têm a possibilidade de experimentar práticas de diferentes conteúdos, como esporte, lutas, dança, jogo, ginástica.

Levando em consideração a BNCC (2017), as práticas vividas com a ginástica na Educação Física Escolar evidenciam-se objetivos para experimentações dos fundamentos básicos como salto, giro, equilíbrio, consciência corporal, melhorando qualidades físicas básicas como força, resistência e flexibilidade. Nesta direção, possibilita ampliar debates sobre padrões estéticos, problemas de saúde e o sentido e significado da prática da ginástica para a formação humana.

Os saberes circenses, a partir da década de 1970, começam a ir além da ideia única do “Circo Família” ou “Circo Tradicional”, que se baseia na transmissão de conhecimentos por via oral de geração em geração. Durante esse período, começam a surgir escolas que visavam o ensino dessa arte e, somente a partir da década de 1980, surge o “Circo Social”, movimento esse que consiste em projetos sociais que abordam a arte circense como uma ferramenta pedagógica (González; Darido; Oliveira, 2014) .

É a partir desse ponto que a prática circense começa a ganhar espaço para além das lonas/tendas, possibilitando ao público experimentações da arte, autodescobrimento de limites, superação de medos e enfrentamento de riscos, além dos conhecimentos acerca das manifestações culturais presentes ao longo da história circense.

A ginástica teve, ao longo de sua história, nomes importantes que fizeram parte tanto do meio ginástico como também do universo circense. A título de exemplo, José Floriano Peixoto, filho do segundo presidente da República brasileira Marechal Floriano Peixoto, foi um dos atletas mais reconhecidos no início do século

XX, sendo medalhista em mais de 18 modalidades esportivas. Zeca, como era conhecido, teve destaque também no meio artístico, abandonando a Academia Militar para trabalhar em espetáculos circenses com lutas romanas. Após toda a popularidade, Zeca Floriano geriu diversos clubes e associações esportivas (Gazeta de notícias, 16/01/1909) e também fundou instituições, públicas e privadas, como por exemplo a Escola Atlética Modelo José Floriano, que contava com a presença de aparelhos circenses e ginásticos, como o trapézio e as barras (Jornal pequeno, 09/01/1933, p. 2). Essa relação dos aparelhos circenses e ginásticos no mesmo ambiente criava teorias de que as práticas do circo estavam ligadas às práticas de ginástica, de forma que ambas dialogam entre si, trazendo semelhanças para além dos aparelhos, mas também quanto ao preparo físico necessários para competições ou espetáculos (Lopes; Ehrenberg, 2020).

4. BASE METODOLÓGICA: CAMINHOS DO ESPETÁCULO

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de campo, orientada pelos conceitos chave etnometodológicos, a saber: a indicialidade; prática e realização; reflexividade e noção de membro (Coulon, 1995).

A prática e realização - observar, ouvir e compreender as dinâmicas do dia a dia que desencadeiam práticas e/ou ações nos membros da sociedade. Essa abordagem visa intervir nos ambientes em que estão inseridos, nos quais ocorrem influências mútuas, quando esses indivíduos adotam determinadas posturas.

A reflexividade - direciona a atenção e a escuta do pesquisador para entender como as perspectivas e ações individuais de cada ser humano são influenciadas pelo ambiente social, e como essas influências moldam e/ou restringem seus objetivos, guiados pelas normas específicas de suas respectivas sociedades.

A noção de membro - está intrinsecamente ligada à visão do ser humano como alguém que se conecta e assimila as normas implícitas do coletivo ao qual faz parte, levando em conta suas atitudes

Como procedimento, foi realizada entrevistas narrativas, de forma virtual, com três perguntas: “Ao compreendermos que a Arte Circense contribui para a materialidade do ensino-aprendizagem com base na teoria freiriana, que significado têm nas aulas de Educação Física Escolar?”, “Como é possível realizar práticas com fundamentos da ginástica com expressões corporais da Arte Circense?” e “Considerando o legado Freiriano, podes exemplificar práticas com a Arte Circense as quais contribuam e afloram as manifestações da cultura, uma relação professor-estudante crítico-reflexiva e com a expressão da ludicidade?”.

As perguntas foram enviadas juntamente com um Texto Norteador, explicitando ao entrevistado o objetivo e os argumentos que justificam a pesquisa e a indicação do mesmo para participar da pesquisa. A entrevista aconteceu na plataforma do “Google Meet” e foi realizada com um profissional que será denominado de “Contorcionista”.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: PICADEIRO EM MOVIMENTO

Quando questionado a respeito da significação que a arte circense tem nas aulas de Educação Física escolar, o entrevistado “Contorcionista” trouxe perspectivas acerca da importância que as práticas circenses podem trazer para o ser:

[...] O circo tem isso [...] principalmente o circo social, trabalhar com a roda de conversa, trabalhar o pensamento coletivo, o pensamento político, ativismo social [...] Se a gente trazer o ‘ser mais’ para a arte circense, a gente vai pensar nisso, é a superação de desafios, é o enfrentamento do risco [...]

Como é colocado por Freire (1996), o “ser mais” implica no entendimento de que, antes de sermos professores, somos seres humanos e, por isso, devemos ter como base a pedagogia da gentileza, de pensar no outro e de ir além da especialidade da área de formação. Quando trabalhamos com o circo na escola, queremos buscar a aproximação do estudante com as manifestações culturais presentes na história circense e, além disso, discutir e vivenciar todas as oportunidades que essas práticas podem oferecer, como encarar riscos, vencer desafios e criar melhores relações com o professor e demais estudantes.

Diante da segunda pergunta, quando falamos sobre as possibilidades de realização de práticas com fundamentos da ginástica a partir das expressões corporais da arte circense, o entrevistado traz uma reflexão acerca dessa indagação:

[...] O circo é uma arte que você tem que estar treinando [...] tem muito a ver com a ginástica nesse sentido, de preparar o corpo. Com o circo social, na escola, a gente tenta passar técnicas mas, para a gente, é tudo no limite da criança porque a ideia é brincar. [...] A ginástica busca um objetivo diferente do que o acrobata faz, por exemplo. O acrobata faz aquilo para a diversão das pessoas, a ginasta faz também para isso, mas muito mais com o objetivo de ganhar a premiação, participar da competição [...]

Como dito acima, apesar das diferenças entre a ginástica e as práticas circenses, podemos identificar algumas similaridades também. Quando levamos a

arte circense tematizadas para uma aula de Educação Física escolar, temos como objetivo contextualizar movimentos, estimular a criatividade e possibilitar a experiência, sem demandar de gestos técnicos e execuções perfeitas (Filho; Scorsin; Kronbauer, 2012). O estudante, através dessas experimentações, entende que seu corpo tem a capacidade de manifestar características culturais e individuais, além de aprender que o corpo e o movimento são formas de se expressar (Geheres, 2008).

Quando realizada a última pergunta ao entrevistado, na qual é solicitado exemplos de práticas com a arte circense que contribuam e afloram as manifestações culturais, relação professor-estudante e a expressão da ludicidade, o mesmo trouxe:

[...] A gente aproveita os jogos e brincadeiras que a gente faz para ter o aquecimento, para ter o alongamento, porque a gente já vai trabalhando ali na brincadeira, então se liga diretamente com o lúdico [...] E isso aproxima o educador do educando, porque é naquela brincadeira que ele acha que você é igual a ele. Você está brincando junto com ele, você está participando junto com ele, você não está mandando ele fazer. A história é estar junto, brincar junto, é fazer junto. [...] A gente já usa também questões da técnica mesmo, o pular corda, as bolinhas para fazer trocas, o andar na lata que a gente fazia quando era criança, para simular a ideia da perna de pau [...]

O entrevistado lembra da teoria da Pedagogia do Oprimido de Freire (1987), na qual defende-se a ideia de que o professor não tem como função “depositar” os seus conhecimentos nos estudantes. O papel do professor, seguindo essa teoria, tem como base a conscientização crítica dos estudantes de forma que estimule a reflexão e a ação. Quando se fala do professor “fazer junto”, refere-se a ideia da educação como prática de liberdade, em que tanto o professor como o estudante tem seu papel fundamental na construção de conhecimentos, promovendo a criatividade, consciência crítica e autonomia (Freire, 1987)

Ainda sobre a última pergunta, quando falamos de cultura, o entrevistado “Contorcionista” narra que:

[...] É muito bom quando você vê crianças brincando juntas, sem diferenças. E aí eu digo muito que a escola é o espaço onde a gente aceita todo mundo. Porque o circo é assim, o circo aceita o diverso. [...] E aí as pessoas sempre têm essas coisas dos personagens, a mulher barbada, o homem mais alto do mundo, o homem bala. Mas esses personagens são muito referência do que o circo faz, de atender a diversidade, de aceitar a pessoa como ela é, daquela forma, daquele jeito. E isso a gente faz muito na escola. Então isso tem a ver com a nossa diversidade, nossa cultura [...]

O circo é um ambiente repleto de personagens de diferentes funções e habilidades, abrindo horizontes para que os estudantes possam compreender que na sociedade existe um universo de práticas que são ricas para a formação de pessoas que possuem diferentes funções e sendo importantes em variados contextos (Filho; Scorsin; Kronbauer, 2012). Além disso, a partir da abordagem da prática circense na escola, pode-se perceber mudanças de postura através da cooperação, que é extremamente necessária nesse meio, e também a ausência de uma “criança destaque”, fazendo com que todas tenham suas devidas funções e importância naquela experiência (Takaromi *et al.*, 2010).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário educacional, na maioria das disciplinas de Cursos de Formação de Professores de Educação Física, ainda, como afirma Borges (2019), Souza (2004), dentre outros estudiosos, são enfatizadas nas disciplinas o esporte como conteúdo a ser abordado em aulas. Com esta postura, ficam negligenciados os demais conteúdos como a dança, a luta, o jogo e a ginástica, como afirma Barbosa (2009). De acordo com o mesmo autor, esse é um dos motivos pelos quais podem gerar inseguranças nos profissionais formados por não terem domínio de certos conteúdos por conta da esportivização existente no ambiente de formação, transferindo esse mesmo ambiente esportista para a escola, deixando de lado os outros conteúdos.

Quando abordamos sobre a arte circense, tematizada no conteúdo de ginástica, para as aulas de Educação Física Escolar, ressaltamos a relevância dessas práticas que, ao contribuir para alcançar os objetivos propostos para a aula, asseguram uma riqueza cultural de expressões corporais com visibilidade e conhecimento de manifestações presentes ao longo da história circense. Estudar sobre a arte circense numa dinâmica de práticas ginásticas estimulam expulsões de ludicidade, presentes nas brincadeiras e jogos com saltos, giros, deslocamentos, acrobacias, rolamentos.

Neste contexto singular/plural de expressões da cultura corporal como linguagem, torna-se possível concretizar no processo de ensino-aprendizagem, com abordagem sobre o conteúdo ginástica, o que afirma o Coletivo de Autores (1992), ou seja, alterar a relação de poder, alterar a forma de comunicação e linguagem e alterar o trato do conhecimento, garantindo a unidade teórico-prática em que professor-estudante são os protagonistas do *quefazer* nas aulas de Educação Física Escolar.

Neste *quefazer* freireano, a construção de saberes e conhecimentos impõe um repensar sobre as práticas no sentido de transformação de conceitos e concepções professor-estudante, assegurando renovadas ressocialização, especificamente, no que diz respeito às transformações nas formas de compreender a si mesmos, ao coletivo escolar, a natureza, a cultura, as manifestações e instituições sócio-educativas, e as mudanças nas emoções, nas formas de pensar, sentir e agir.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, J. B. **Tratado de Higiene**. 2º ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRITO, Rafaelle de A. et al. **A sistematização do conhecimento ginástica nas aulas de Educação Física nas escolas de referência em ensino médio do estado de Pernambuco**. Revista Brasileira De Ciências Do Esporte, 43, 2021.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- DUPRAT, Rodrigo Mallet. **Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior**. Escola de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2014.
- DUPRAT, Rodrigo, BORTOLETO, Marcos. **Educação Física Escolar: pedagogia e didática das atividades circenses**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p 171-189, jan. 2007.
- FINHOLDT ANGELO LEITE, V. **Ser Mais: coerência entre a vida e o conceito de Paulo Freire**. *Práxis Educativa*, v. 16, p. 1–12, 2021
- FRANÇA, Tereza Luiza de. **Lazer – Corporeidade – Educação: o saber da experiência cultural em prelúdio**. Natal-RN. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.
- FRANÇA, Tereza Luiza de. TDO - Texto Didático Orientador: entrevista narrativa. In: FRANÇA, Tereza Luiza de. **Lazer – Corporeidade – Educação: o saber da experiência cultural em prelúdio**. Natal-RN. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983
- FREIRE, Paulo & FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.
- GONZÁLEZ, Fernando J., DARIDO, Suraya C., OLIVEIRA, Amauri B. **Práticas Corporais e a organização do conhecimento: ginástica, dança e atividades circenses**. Eduem – Editora da Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2014.

HAUFFE , Mirian Kormann e GÓIS, Edivaldo. **A Educação Física e o funâmbulo: entre a arte circense e a ciência (século XIX e início do século XX)**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte [online]. 2014, v. 36, n. 2.

LOPES, D. de C.; EHRENBURG, M. C.. **Entre o pódio e o picadeiro: o sportsman circense Zeca Floriano**. História da Educação, v. 24, p. e94488, 2020.

LOPES, Daniel de Carvalho. **Os circenses e seus saberes sobre o corpo, suas artes e sua educação**: encontros e desencontros históricos entre circo e ginástica. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.48.2020.tde-15032021-152741.

OLIMECHA, Raul. **O Pequeno Tratado de Acrobacia e Gymnastica**. Campos, R J: Oficinas Graphics Instituto Comercial, 1933.

ONTANÓN, Teresa, DUPRAT, Rodrigo, BORTOLETO, Marcos. **Educação Física e atividades circenses: “o estado da arte”**. Movimento, Porto Alegre, 18 (2), 149-168, 2012.

QUITZAU, Evelise. **Da ‘Ginástica para a juventude’ a ‘A ginástica alemã’: observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica**, Revista Brasileira De Ciências Do Esporte, 37 (2), 111–118. <https://doi.org/10.1016/j.rbce, 2015>

ROTHER, E. T.. (2007). **Revisão sistemática X revisão narrativa**. *Acta Paulista De Enfermagem*, 20(2), v–vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>

SILVA, E. **Respeitável público... O circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

TAKAROMI, Flora Sumie, et al. **Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência**. *Pensar a Prática* 13.1 (2010).

TORRES, Antônio. **O circo no Brasil**. Editora Funarte / Atração, 1 de janeiro de 1998.

ANEXOS

ANEXO A - FORMULÁRIO DE ORIENTAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO

Formulário de Orientação

DADOS DO ORIENTADOR

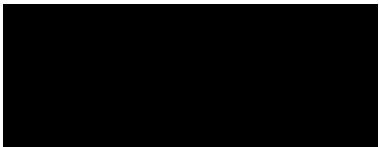
NOME: TEREZA LUIZA DE FRANÇASIAPE: IES: UFPEDEPARTAMENTO: EDUCAÇÃO FÍSICASEMESTRE: 2023.2

PERÍODO: 15/06/23 a 14/03/24

DADOS DO ORIENTANDO

NOME: MARIA JÚLIA DUARTE BARBOSA

TÍTULO: “EDUCAÇÃO FÍSICA: ARTE CIRCENSE NAS AULAS COM O
CONTEÚDO GINÁSTICA NO UNIVERSO ESCOLAR”

DATA	ORIENTAÇÃO	ASSINATURA
16/06/23	Solicitação de texto e conversas sobre ideias	
22/06/23	Envio do texto para alterações do TCC I	

20/07/23	Material para corrigir e envio de artigos para leitura	
03/08/23	Solicitação de alterações para TCC I	
17/08/23	Envio de texto de TCC I revisado para alterações	
05/02/24	Conversa sobre construção do TCC II	
06/02/24	Envio do projeto do TCC I para continuidade	
23/02/24	Realização de texto norteador e perguntas para entrevista	
26/02/24	Orientações sobre o texto norteador e perguntas	
04/03/24	Orientação de alterações no TCC II e conversa sobre entrevista	
10/03/24	Envio do TCC II com todas as alterações solicitadas	
11/03/24	Retorno do TCC II com todas as solicitações de alterações finais	

ANEXO B - TERMO DE COMPROMISSO DE ORIENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Termo de Compromisso de Orientação

Eu, Maria Júlia Duarte Barbosa, matrícula nº 20200046446, estudante do Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco, inscrito no CPF [REDACTED] e RG [REDACTED], informo que a Prof. Tereza Luiza de França, SIAPE [REDACTED] Lotado no Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Pernambuco, será a minha orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso. Assumo estar ciente do meu compromisso e de todas as normas de construção, acompanhamento, apresentação e entrega do artigo (original ou revisão) e/ou monografia.

Recife, 25 de MARÇO de 2024

gov.br Documento assinado digitalmente
TEREZA LUIZA DE FRANCA
Data: 25/03/2024 20:51:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

gov.br Documento assinado digitalmente
MARIA JULIA DUARTE BARBOSA
Data: 25/03/2024 16:43:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Orientador

Assinatura do Orientando

**ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DEPÓSITO DEFINITIVO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Termo de Autorização para Depósito Definitivo Trabalho De Conclusão de
Curso-TCC**

Pelo presente instrumento, eu, Professor(a) Tereza Luiza de França
Orientador(a) do(a) discente Maria Júlia Duarte Barbosa do Curso de Educação
Física na Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, autorizo o depósito
definitivo de seu trabalho de Conclusão de Curso-TCC
intitulado: “Educação Física: arte circense nas aulas com o conteúdo ginástica
no universo escolar”.

TIPO DE TRABALHO: ARTIGO CIENTÍFICO () MONOGRAFIA (X)

CURSO: LICENCIATURA (X) BACHARELADO ()

Recife, 25 de MARÇO 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br TEREZA LUIZA DE FRANCA
Data: 25/03/2024 20:54:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Orientador

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA JULIA DUARTE BARBOSA
Data: 25/03/2024 16:43:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Orientando

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa “Educação Física: arte circense nas aulas com o conteúdo ginástica no universo escolar” que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Maria Júlia Duarte Barbosa [REDACTED]

Esta pesquisa está sob a orientação de Tereza Luiza de França, [REDACTED]. Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A atual pesquisa está sendo desenvolvida com o intuito de entender como é possível adotar práticas circenses dentro das aulas de Educação Física Escolar. Além disso, tem como objetivo dar espaço a essas artes e debater sobre a importância de abordá-las dentro do universo escolar, dando voz a sua história e seus significados. É uma pesquisa que será empregada também na defesa do TCC da pesquisadora. Para a coleta de dados necessários para a construção da pesquisa, o voluntário irá realizar uma breve entrevista, de forma online, com a pesquisadora responsável. Antes da entrevista, o voluntário terá acesso às perguntas que irão ser realizadas durante a entrevista e também acesso a um texto norteador, desenvolvido para que o entrevistado leia e esclareça qualquer dúvida a respeito das perguntas. Assim, quando ocorrer a entrevista, o voluntário já estará a parte do que irá ser questionado. A entrevista não tem tempo de duração, serão feitas um total de 3 (três) perguntas e toda a entrevista será gravada. A gravação da entrevista irá servir única e exclusivamente para que a pesquisadora possa analisar as respostas calmamente e assim construir a pesquisa com todas as informações coletadas.

RISCOS: Como a entrevista será realizada de forma online, há possíveis preocupações quando tratamos de segurança. Além disso, a entrevista precisará ser gravada e, como isso, há também a preocupação com o uso indevido da imagem do voluntário e possível divulgação de dados pessoais. Entretanto, a pesquisadora irá se atentar a qualquer risco que possa ocorrer para com o entrevistado e garante que dados pessoais como nome, telefone e email não serão divulgados em nenhuma circunstância. Além disso, a gravação da entrevista será de uso pessoal da pesquisadora para análise, sem o intuito de apresentar a mesma em nenhuma condição.

BENEFÍCIOS diretos/indiretos para os voluntários: Primeiramente, o voluntário terá a oportunidade de contribuir para o avanço do conhecimento em áreas específicas, ajudando a pesquisadora a coletar os dados e realizar análises mais abrangentes. Ao participar desse processo de pesquisa como voluntários, há a chance de ampliação na sua rede de contatos profissionais, estabelecendo conexões com outros pesquisadores e profissionais da área, além de proporcionar uma sensação de realização pessoal ao contribuir para a compreensão e solução de questões extremamente relevantes.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta

pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos, filmagens, etc), ficarão armazenados em pastas de arquivo computador pessoal, sob a responsabilidade da (pesquisadora Orientadora), no endereço informado anteriormente, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**



(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, , CPF: , abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo “Educação Física: arte circense nas aulas com o conteúdo ginástica no universo escolar” como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data, Olinda, 07 de março de 2024

Assinatura do participante da pesquisa:



Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: Ricardo Antônio da Silva Jr.	Nome: Josivaldo Lima Silva
Assinatura: 	Assinatura: 

APÊNDICE B - ENTREVISTAS NARRATIVAS

ENTREVISTA COM “CONTORCIONISTA”

Primeiramente gostaria de agradecer a sua disponibilidade e também lembrar que irei precisar gravar a entrevista mas que sua imagem será totalmente preservada, ok?

Certo!

Vou começar fazendo as perguntas tá bom?.

Tá bom!

A primeira pergunta é: Ao compreendermos que a Arte Circense contribui para a materialidade do ensino-aprendizagem com base na teoria freiriana, que significado têm nas aulas de Educação Física Escolar?

Então, eu acho que ele tem um significado grande, né? Porque hoje em dia, principalmente, quer dizer, nunca existiu um curso de graduação de Arte Circense no país. Então, muita gente que é da área de circo e que quer ter uma formação profissional ou superior, acadêmica, para o mais próximo que as pessoas procuram é a Educação Física, muita gente procura Educação Física. Hoje, já tem gente procurando a Dança, por exemplo, mas quem é da técnica, que trabalha com a técnica, às vezes, quem é da Dança, procura muito mais porque está pesquisando teoricamente, ou também quem é da área da Pedagogia, da Sociologia, ou até da Fisioterapia também. Muita gente procura estudar sobre o circo, mas nesses campos, muito mais de forma teórica. Quem realmente trabalha com a técnica, como artistas circenses mesmo, e que querem ter uma graduação superior para poder encontrar outros lugares também para poder dar aula, que embora não exista um curso de graduação, mas em alguns espaços de formação de circo hoje pedem uma formação acadêmica, então o mais próximo que as pessoas encontram é a Educação Física, né, pela sua característica mesmo de trabalho corporal e também tem a ver com a questão de atleta, né, da preparação atlética mesmo. Então assim, a Ginástica Olímpica, a Ginástica Rítmica, se aproximam muito das acrobacias de solo que são feitas no circo. Então, muita gente procura por isso aí também, da mesma forma que o esporte de alto rendimento. Então assim, para uma pessoa que quer uma técnica muito apurada, aí a pessoa procura até para se formar, formar seu corpo, trabalhar tecnicamente e poder também, quando for dar formação em outros espaços, tanto de formação em circo, quanto também se a pessoa quer abrir um curso, quer abrir uma oficina e tal, e mostrar que tem uma capacidade, uma qualificação, a pessoa vai por esse caminho.

Então, eu acho que já houve muita crítica, né, de dizer isso, que as pessoas de Educação Física estavam entrando no campo da profissão da arte circense. Já houve mais embate com isso, mas hoje existe menos tensão, porque as pessoas entendem um pouco que como não existe curso superior, graduação de circo, as pessoas buscam pela área da Educação Física. Mas, antes tinha muito isso, de dizer assim “Ah, quem faz Educação Física está tentando ir para o lado do circo, para dar acrobacia, para dar não sei o quê”, mas não é a mesma coisa, porque a pessoa não entende da técnica.

Então, tem um caminho aí de duas vias, né, quem é, às vezes, circense busca uma formação, e aí muitos vão para a área da Educação Física, e também tem gente que é da Educação Física e busca o circo. Então, eu acho que termina se entrelaçando, eu acho que o que pode ser problemático é muito mais quando é uma pessoa de Educação Física, formada somente em Educação Física, e que, às vezes, vem trabalhar no circo, entende? Por conta da técnica mesmo. Então, eu acho que algumas pessoas, às vezes, querem desenvolver essa técnica, seja a técnica da acrobacia de solo, ou das acrobacias aéreas, ou de qualquer outra técnica, que é muito mais difícil, porque a técnica circense, ela é como um esporte de alto rendimento também, principalmente o ginástica, né, se você for ver. Então, quanto mais cedo você começar, melhor o seu corpo vai reagir àquilo ali. Não significa que uma pessoa mais, com a idade mais avançada mesmo, como a gente tem pessoas que fazem o curso com a gente, não vai aprender, ela vai aprender, ela vai fazer. A história é a reação do corpo, principalmente a preparação corporal de resistência, de força, de várias outras coisas que são necessárias para poder fazer as técnicas.

E aí, eu acho que quando a pessoa vem mais tarde, fez Educação Física “ah o circo é uma área”, como chamaram, às vezes a pessoa está formada e aí ainda não conseguiu trabalhar em outro lugar, nem nada. “Ah, tem aqui uma pessoa, sabe que faz formação em circo, eu vou lá”. Então, é mais complicado, porque principalmente tem risco, né, porque o circo é a arte do risco. Então, se a pessoa não tem essa formação na questão das técnicas circenses, isso vai interferir diretamente na questão de como ela ensina e como ela também pensa e trabalha a questão da segurança corporal e até mental mesmo, porque é isso, da mesma forma que um atleta de alto rendimento tem que trabalhar sua mente, porque ele é o tempo todo cobrado, o artista circense também é muito cobrado. E é isso assim, o risco traz muitas coisas, né, para você pensar, sabe, assim, porque o medo, né, de enfrentar o risco, ele é extremamente cabível, né, tanto para o circo quanto para outras questões, porque ele te dá um limite, entende? De até onde o seu corpo pode ir. Eu acho que, pensando nessa questão freiriana, né, que a gente na escola tem como base a educação popular mesmo, porque a gente trabalha com o circo social, então está muito entrelaçado nisso, e eu acho que eu li há pouco tempo uma entrevista de Freinet, em que ele diz, né, que hoje ele olhando a escola formal como ela é, ele vê que realmente a pedagogia de Freire, né, não se encaixa na escola formal mesmo, né, do jeito que ela é hoje e tal, e ele diz que se

realmente se encaixasse, não seria uma pedagogia mais alternativa mesmo, como ele propõe. E eu acho que o circo tem isso, sabe, eu acho que o circo tem muito isso com a questão dos círculos de leitura, com a questão de a gente trabalhar em roda, principalmente com o circo social, trabalhar em roda, de conversar, de trabalhar no pensamento coletivo, de trabalhar um pensamento político, de ativismo social, então eu acho que você não está ali por estar. E, de qualquer forma, mesmo que a gente trabalhe com a criança, e hoje nossos educadores, nossos artistas foram todos nossos educandos, né, foram nossos alunos desde criança, mas quando um criança, quando um adolescente, e até mesmo um jovem que hoje entra para fazer um curso na escola, ele pode não querer seguir a carreira artística circense, tanto na técnica corporal e tal, mas como nas outras questões, né, de produção, de técnica mesmo, de som, de luz, dessas coisas, mas não seguir na carreira artística, mas a pessoa com certeza vai ser um ser humano diferenciado, porque ele vai ter um outro olhar para o mundo, entende? Porque você não tem como fazer circo sem você confiar na pessoa. E aí não é somente confiar na palavra da pessoa, é confiar naquele corpo que vai te segurar, entendeu, que vai dividir com você a cena, né, que vai estar trabalhando com você ali e precisa te olhar nos olhos, né, e ser sincero se estiver sentindo dor, se estiver incomodando, sabe, para encontrar um movimento melhor. Então acho que, como a pedagogia de Freire traz muito isso e eu acho que o Freire fala nessa questão do ser mais, né, então ser mais tem muito a ver com a questão do circo, sabe, porque se a gente trazer o ser mais para a arte circense, a gente vai pensar nisso, é a superação dos desafios, é o enfrentamento do risco, sabe, e eu acho que é no próprio Freire que ele diz assim, o risco só tem sentido se eu corro por um objetivo, não só para eu correr risco por correr o que é que esse risco me traz de objetivo para a minha vida, sabe? Então acho que o circo tem isso também.

Certo. A segunda pergunta tá? Como é possível realizar práticas com fundamentos da ginástica com expressões corporais da Arte Circense?

Então, é isso que eu falei. Eu acho que tem muita coisa. Agora, a gente já teve, por que é isso que eu falo, a arte circense, ela é historicamente, e aí a gente pode buscar, né, os estudos de vários pesquisadores e tal, mas tem a Erminia Silva, que é uma das grandes pesquisadoras da história do circo no país. E a Erminia coloca isso; o circo sempre foi uma arte de repasse do conhecimento por via oral. Então, era a família que ensinava, o pai, a mãe que ensinava ao filho, a filha, e depois os avós aos netos, e isso ainda existe no circo itinerante. Mas é isso, às vezes, a gente acha que essas coisas que o circense itinerante diz "ah, tem que ter serragem na veia", e a serragem é o que é colocado na plateia para preparar o solo. E aí eles dizem que tem que ter serragem na veia e tal, e a gente diz que não. A gente sempre diz que a escola sofreu muito preconceito do circo itinerante no começo, a gente já tem 28 anos, porque eles

diziam isso, que não se aprende o circo debaixo de um prédio, só se aprende o circo embaixo de uma lona.

Mas eu acho que é isso, que aprende sim, como a gente tem muitos artistas que se formaram conosco, educadores também, mas eu acho que o circo, de qualquer forma, ele traz para você uma coisa que é desse encantamento mesmo, dessa magia mesmo de você dizer "poxa, eu consigo, eu supero esse desafio que me colocaram, eu vou atrás". E é o que a ginástica faz muito, e você vê aí as meninas superando, fazendo mil coisas. E é isso, para você ser uma atleta de alto rendimento, como são as ginastas, como são os ginastas, você tem que abdicar de muitas coisas, porque a preparação física é diária, é sistemática. Então, assim, quando você para um pouco, você já perde aquilo ali, sabe? Então, o circo também tem isso, você tem que estar treinando, seja o corpo para você fazer as questões que exigem mais do físico mesmo, ou até outras técnicas, como os malabares. As pessoas acham que os malabares não exigem uma questão de físico, mas exige, porque não é fácil você ficar 3, 4, 6 horas treinando o malabarismo, que dói os seus ombros, dói o pescoço, dói as costas, sabe? Então, você tem que ter um preparo físico também até para o malabares, seja ele o mais simples que for, mesmo que seja para uma bolinha.

Então, não tem como você fazer circo sem você ter um preparo corporal mínimo que seja, sabe? Para aquilo que você vai fazer. Então, isso tem muito a ver com a ginástica nesse sentido, de você preparar o corpo. O que eu acho só, às vezes, incorreto mesmo, que tenha a ver com a relação, que é isso. Às vezes, como era antigamente, não existe mesmo assim. A pessoa, a criança que nascia, não escolhia se ela queria ser circense ou não, se ela queria passar por aquele risco, se ela queria fazer aquela modalidade, se ela queria ser palhaço, se ela queria ser trapezista. Não, a família decidia desde quando ela era criança, desde pequena, entende? Ela já entrava no picadeiro. Então, isso também acontece com a ginástica, né? Então, você vê, eu acho que Daiane foi um talento, por exemplo, que surgiu. Ela começou mais tarde, acho que em volta de nove, oito, nove anos. E as outras meninas começam com quatro, né? Quatro, cinco anos por aí, porque já prepara o corpo. Tanto é que eu não sei, você que é da Educação Física pode dizer melhor do que eu. Já vi alguns estudos dizendo isso, e alguns ginastas. Eu acho que foi a Daniele Hypolito que eu vi uma vez falando, o treinamento que elas fazem, muscular e físico é tão forte que elas têm um retardo na menstruação, né? Quando criança. Isso retarda a chegada da primeira menstruação, de entrar na puberdade. E aí eu não sei se isso é fato ou não, mas tem tudo a ver. E elas também fazem tratamento, porque quando a gente, né? Mulher que está num período pré-menstrual, a gente sabe que o corpo muda, né? Então, assim, a gente incha, os seios também aumentam, tem várias coisas. E aí elas têm um trabalho todo, porque isso faz uma diferença imensa num salto triplo mortal, por exemplo, num salto que ela precisa disso, porque ela já treinou o corpo

para aquele momento que ela não está dessa forma, sabe? E aí, hoje em dia, tudo que a gente vive, é muita coisa na cabeça.

Então, as TPMs estão muito maiores. Então, tem muita coisa que é feita no treinamento que as pessoas sofrem muito. Então, o que a gente tenta fazer no circo... Hoje em dia, muita gente fala que o circo itinerante "está morrendo", porque hoje, com o avanço da tecnologia, com a proximidade das pessoas, há um celular, há ver outras coisas, há... Muita gente não quer viver no circo quando ele é de pequeno porte, quando ele é de médio porte, porque não oferece, às vezes, as condições que a pessoa quer viver, sabe? De moradia, de acesso a outras coisas, né? De diversão mesmo, a cidade. Os pequenos circos, principalmente, médios circos, eles vão para os interiores dos interiores, né? E aí, assim, é muito pouco que eles ganham. Então, muita gente hoje que são filhos, netos do circo, eles não trabalham mais com o circo. E aí a gente vê a dificuldade do repasse das técnicas. Tem técnicas hoje que muita gente não sabe mais fazer. E aí, com o circo social, na escola, a gente tenta fazer isso, passa a técnica e tal, mas, para a gente, é tudo no limite daquela criança, porque a ideia da gente é brincar, ela chega lá para brincar do circo. Não é para aprender o circo, entende? Então, ela vai para brincar. Aí, na brincadeira, ela aprende o circo e ela gosta daquilo ali, entendeu? Gosta de se apresentar e tal. A gente sempre faz as culminâncias no meio do ano, no final do ano, mas só apresenta a criança que quiser, que se sentir bem, porque a gente não vai forçar ninguém, porque isso gera traumas. A gente não vai forçar ninguém, por exemplo, uma criança a abrir a escala zerada, um espacate, entendeu? Porque é doloroso, para fazer contorção. Mas tem técnicas, feito a contorção, que se você não começa a trabalhar seu corpo desde criança, você não vai conseguir uma flexibilidade boa para trabalhar a contorção.

Então, é bem exigente. Então, isso, às vezes, não é da escolha da pessoa. Como, às vezes, a gente vê que o pai, a mãe, diz "Ah essa criança é virada, não sei o que, eu vou colocá-la no circo" ou "Ah essa criança faz isso e isso muito bem, vou colocá-la para fazer ginástica". E, às vezes, a pessoa não escolheu aquilo. Então, isso tem a ver com a história do circo, que era assim. Os pais e as mães, os avós, definiam. Então, acho que na ginástica tem muito disso. Inclusive, é engraçado, porque, mesmo se parecendo em várias questões, são diferentes. Porque a ginástica, ela busca um objetivo diferente do que o acrobata faz. O acrobata faz aquilo para a diversão das pessoas, para mostrar e tal. A ginástica, ela faz também para isso, mas é muito mais com o objetivo da premiação que ela vai ganhar, de participar daquela competição. E é entretenimento também, porque a gente assiste e adora, acha lindo. Mas ela tem um objetivo diferente do que o acrobata tem. Então, por exemplo, ela faz o número em um minuto e meio, em um minuto e trinta. E o acrobata faz com mais tempo, com mais coisa. Com mais abertura para o público e tal. Então, assim, tem diferença. A gente já teve pessoas na escola que eram ginastas, que eram da Educação Física, que eram da área da ginasta e foram trabalhar

com a gente. E é outra forma. A gente briga muito pela questão da conta do pé, pela elasticidade, pela flexibilidade. Por uma série de coisas. E a gente diz assim, isso é importante. Mas num espetáculo, não é o que vai contar que você está fazendo ponta de pé, ou que você está fazendo... Como é? Esqueci. Do pé. Às vezes, conta o que você mostra. A beleza daquilo que você mostra. A sua habilidade também, óbvio. Mas as pessoas não querem saber se o pé tá carpado, está em ponte, está em flex. Então, eu acho que isso é uma coisa para as pessoas. Até já teve pessoas de ginástica, mas a gente não faz assim. Não é desse jeito que a gente faz. Por exemplo, é diferente a preparação para um mortal de um acrobata do que a preparação, que eu digo assim, preparar o corpo mesmo para um momento exato. É completamente diferente do acrobata para o ginasta. É bem diferente. Então, assim... E aí a expressividade, uma série de coisas. É isso. Tem similaridades, mas tem especificidades também.

Certo, e a última pergunta: considerando o legado Freiriano, podes exemplificar práticas com a Arte Circense as quais contribuam e afloram as manifestações da cultura, uma relação professor-estudante crítico-reflexiva e com a expressão da ludicidade?

Sim, eu acho, na verdade, essa pergunta bem grande, bem extensa e cabe várias coisas nela. Eu acho que, primeiro, é isso. Para mim, é mais fácil responder porque a gente trabalha com o circo social. Mesmo trabalhando com a trupe, que é a trupe profissional que nós temos, mesmo com ela, buscando um aprimoramento técnico, estético, diferenciado e tal, mas a relação é diferente, porque é isso. Para a gente, mesmo com o grupo profissional e tal, continua sendo circo social, porque o mais importante é o grupo, o mais importante é o coletivo, não é o virtuoso, não é o que a pessoa mostra sozinha. Tem momentos que a pessoa mostra sozinha quando é importante fazer, mas que o coletivo participou também, seja na construção do número com os movimentos, seja na construção da coreografia, seja na escolha da música, do figurino, várias coisas. Então, como a gente trabalha o tempo todo com a ludicidade, com as crianças. Então, a gente aproveita os jogos e brincadeiras que a gente faz para ser o aquecimento, para ser o alongamento, porque a gente já vai trabalhando ali na brincadeira. Então, a gente tem até um curso que está na escola Itaú Cultural, na plataforma da escola de formação Itaú Cultural, que tem uma das aulas que é sobre jogos e brincadeiras. É um curso que está lá, se você quiser depois dar uma olhada lá na escola Itaú Cultural, tem um link lá do curso que a gente deu. São 10 horas, eu acho, de aula. E tem a parte teórica, que eu a gente fala da história da escola e tal, e tem essa parte técnica que [REDACTED] dá que é sobre jogos e brincadeiras. Então, assim, a gente às vezes, para a própria técnica, a gente usa muito os jogos e brincadeiras. Então, está ligado diretamente ao lúdico. E a ludicidade, e isso aprofunda muito para a gente a relação que a gente chama

muito mais educando e educando, do que aluno ou estudantes. E isso aproxima o educador do educando, porque é naquela brincadeira que ele acha que você é igual a ele. Você está brincando junto com ele, você está participando junto com ele. Então, você não está mandando ele fazer, entende? Você não está indicando somente para ele fazer. A história é estar junto, é brincar junto, é fazer junto. E aí a gente já usa algumas questões das técnicas mesmo, né? O pular corda, a questão das bolinhas mesmo, que a gente usa para fazer trocas e tal. Andar com a lata, que a gente já fazia quando era criança. A gente usa isso para a questão das penas de pau. E foram as brincadeiras populares mesmo que a gente tem. Então, a gente utiliza disso para trabalhar com as crianças. Para isso, pra não ficar uma coisa pesada somente chegar lá. “Ah vamos trabalhar o malabares”, “Ah vamos subir na perna de pau”, “Ah vamos fazer não sei o que”. Então, mesmo nas técnicas, a gente leva num jeito de brincadeira, de diversão, de ludicidade. Porque nossa intenção não é formar artistas. Se ele quiser, se a criança ou adolescente quiser depois ser artista, ele tem a trupe como uma possibilidade ou outros espaços na cidade ou no estado. Entende que ele pode ir também. E aí sim, ele já vai ter um corpo já mais preparado. Vai ter já alguma noção de malabares, de perna de pau, de alguma coisa do aéreo. Então, a ideia acho que tem muito a ver com o Freire. Tem muito a ver para isso, é a mesma coisa que a gente fala. O educando precisa ter confiança no educador na questão do trabalho com o circo. Porque se o educador, por exemplo, não é um educador que faz, de dizer “Oh vou fazer uma estrelinha” e faz a estrelinha e diz, “vamos trabalhar a estrelinha”. Então, o educando diz assim “ Ah ele tá me ensinando o que ele sabe fazer” Então, isso já dá uma relação de proximidade. Só que ele vai aceitar a estrelinha que o educando ou a educanda fizer, do jeito que ele sabe, o rolamento, tudo isso. Então, assim, tudo é muito no limite do corpo da criança. No limite da vontade da criança. Tanto é que a gente atende crianças com necessidades especiais. Autistas, síndrome de Down. Não são tantos porque a gente não tem. Até quem acompanha junto com a gente. Por falta de dinheiro mesmo para investir. Mas a gente tem um certo, tem mais cuidado. E é impressionante os resultados que a gente tem. De envolvimento deles, de gostar, de avançar. Dos pais dizerem para a gente assim, “meu filho tem uma criança aqui que é autista e ele tem pouca coordenação motora em casa”. Até para abrir, como ela disse, uma caixinha de achocolatado. Depois que ele conseguia botar o canudo no achocolatado, para ela foi um sucesso. E isso diz que tem muito a ver com o trabalho que a gente fez na escola com a coordenação motora. E isso ele foi fazendo sem nem ninguém dizer. Tem o processo fisioterápico que ele pode fazer por fora. Mas na escola ele vai fazer isso de forma mais agradável, digamos, mais livre, mais solto. E as crianças também. É muito bom quando você vê as crianças brincando juntas. Sem diferenças. E aí eu digo muito que a escola é o espaço mesmo onde a gente aceita todo mundo. Porque o circo é assim. O circo aceita o diverso, o diferente. E aí as pessoas sempre tiveram essas coisas dos personagens, das

coisas que as pessoas criavam. A mulher barbada, o homem mais alto do mundo, o homem bala. Mas esses personagens são muito referencia do que o circo faz, de atender a diversidade. De aceitar a pessoa como ela é, daquela forma, daquele jeito. E isso a gente faz muito na escola. Então isso tem a ver com a nossa diversidade. E aqui em Pernambuco a escola é muito reconhecida nacionalmente e fora porque a gente trabalha muito com a nossa diversidade cultural, com as expressões culturais que a gente tem. Nossos espetáculos poucos têm músicas internacionais. Às vezes nem têm, ou têm música mais instrumental. Mas a gente nunca usou. Desde o começo da nossa história que a gente tinha muito isso. Porque a escola foi formada por um grupo de educadores populares e de artistas também populares. E a gente já fazia ativismo social através dos movimentos que a gente participava. Então a gente já tinha valores diferentes nesse pensamento. Então a gente sempre teve esse valor de respeito e de admiração e de vivência mesmo com a nossa diversidade cultural. Então nossos espetáculos, na sua maioria, tem Frevo, tem Caboclinho, tem nossas danças, até as músicas populares que a gente costuma cantar mesmo.

E agora, no ano passado, no ano retrasado de 2022, a gente estreou um espetáculo que se chamava “Nordestinados in Circus”, parodiando e invertendo um pouco o que Patativa do Assaré dizia, que dizia “nordestinos sim nordestinados não” na questão da relação do nordestinado ser aquele que foi colonizado, que vive subordinado. e a gente diz não, a gente é nordestinado porque a gente quer, porque a gente realmente tem força, tem coragem. E aí a gente montou esse espetáculo, ele é todo em cima da cultura popular. Então ele tem frevo, tem maracatu, tem caboclinho, tem cavalo marinho, tem forró, tem tudo isso. E agora, no ano passado, a gente montou o Circo Science: do Mangue ao Picadeiro, que aí é isso, em cima dos 30 anos do movimento Mangue, em homenagem ao Chico também. E que a gente traz isso. O que é que existe hoje do movimento Mangue nas periferias, já que foi uma das causas do movimento Mangue? Trabalhar com as expressões que existiam na periferia também, e mesmo na periferia dessa questão da valorização da cultura popular. Então juntar o rock com o coco, o hip-hop com o maracatu, fazer essa junção tecnológica. E aí bateu muito na periferia e hoje ainda existe isso. Então a gente trouxe para a contemporaneidade o Mangue beat e pensando nisso. O brega funk, o passinho, o que é que os jovens, os adolescentes fazem hoje nas comunidades e que se o Chico tivesse vivo, por exemplo, ele faria. Mas hoje a gente tem as periferias e os jovens, os adolescentes, com essa questão da diversidade mais aberta, mais clara também, e muito da questão da negritude também, de ter coragem de se assumir também a sua sexualidade. E essas coisas todas a gente traz para o espetáculo. E é isso, nós somos essa mistura, somos essa amálgama de várias coisas que é o que a gente é mesmo. E acho isso não tem como se afastar da pedagogia de Paulo Freire.

Quando a gente pensa na pedagogia da esperança, na pedagogia do oprimido, da libertação. Então essas coisas todas que o Freire dizia e que outros pensadores também traziam, batem muito na gente, porque está dentro da nossa história, está nos nossos valores, está dentro do que a gente faz de forma intrínseca mesmo. E o Circo é isso. O Circo trabalha com muitas competências socioemocionais que, se você for fazer de uma forma rígida, é muito complicado. Porque hoje o Circo é uma das artes que mais está sofrendo, eu acho, com a questão da tecnologia. Porque hoje as pessoas estão acostumadas a ficar no celular e, na maioria das vezes, se for uma informação do conhecimento, digamos, de um jornal, alguma coisa, as pessoas já não lêem a matéria. Tanto é que eles não botam, porque não cabe. E aí botam “mais informações no link da bio”. Então ninguém mais quase lê. Parar pra ler um texto grande, é difícil. Para assistir um filme hoje, muitas crianças, adolescentes, jovens, não querem. E se for legendado ainda mais. E o Circo das Artes Cênicas tem isso. É preciso tempo, paciência. Você não monta um número de circo da noite para o dia se você quer ter qualidade nele. Então assim, para você fazer malabares não tem como você pular as etapas. Você nunca vai começar a fazer com 3 bolinhas. Então você tem que começar com 1 bolinha, com 2, com 3, para depois você progredir. A mesma coisa com a perna de pau. Você tem que começar com a pequena, para depois ir para a maior, para depois ir para a grande, para depois você andar, para depois você conseguir dançar. Então, assim, tudo isso você tem que aprender primeiro como você encaixa a cabeça e o ombro para poder subir no trapézio, para você não se machucar. Então você primeiro aprende a subir no trapézio. Como você senta também, como você se movimenta, para depois você começar a técnica mesmo. Hoje em dia é difícil as pessoas terem essa paciência. E essa paciência é necessária para ouvir o que a pessoa que está ensinando está te dizendo, para ver quem está fazendo também, porque você aprende com o acerto do outro, com o erro do outro. É preciso você ter paciência consigo mesmo, dos seus limites, e ter essa questão da autonomia, de você desejar aquilo.

E aí é isso assim, quais são os seus sonhos? Quais são os seus objetivos na vida? Então é muito difícil você trabalhar hoje o circo com esse mundo do imediatismo, porque isso não existe. Não existe no circo. O circo não é imediato, não é. Qualquer técnica circense, ela precisa ser corretamente feita até. Os meninos até chegam na escola, às vezes as crianças dizem “ah mas você tá me ensinando o rolamento, a estrelinha, mas eu dou mortal na rua, eu dou mortal no rio, eu faço mortal na capoeira”. Lá é uma coisa, aqui é outra, porque aqui você está aprendendo como você vai fazer todo o processo. E é diferente. Então é isso, acho que Freire nos traz muito isso, sabe como é que a gente se vê nesse mundo, sabe como é que a gente se posiciona, como é que a gente percebe o outro, sabe como é que a gente trabalha com afeto, com generosidade, com fraternidade. Então isso tem muito a ver com o trabalho do circo, quando você está trabalhando com o circo social, mas se você trabalha

só a técnica, qualquer outro espaço de formação, você precisa do outro. Você precisa trabalhar essas competências socioemocionais, concentração, autonomia, superação de desafios, de trabalho coletivo, de várias coisas. Então é intrinsecamente isso termina estando ligado à educação popular, às bases da educação popular, que é muito pensada para o coletivo.

É isso! Vou parar aqui a gravação mas ainda quero falar com você.

Tá certo!